

**PERCEPÇÕES SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO
AMBIENTE ESCOLAR: ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE EM
ASPECTOS PREVENTIVOS**

**PERCEPTIONS OF DRUG USE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT:
ANALYSIS OF TEACHERS' PREVENTIVE ACTIONS**

Lara Catarina Caneschi Coelho Faria MANZATI¹
Thalita Martins ALONSO²
Wesley Piante CHOTOLLI³

RESUMO

O estudo aqui apresentado visa relatar sobre a percepção docente sobre o uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar e suas consequências na rotina escolar. Diante este cenário, o estudo tem como objetivo refletir sobre a percepção dos professores em relação à abordagem da temática e como esses lidam com alunos usuários e/ou dependentes. É fundamental considerar o trabalho docente na prevenção ao uso de substâncias que possam alterar ou prejudicar o desenvolvimento das práticas de ensino e aprendizagem, pois tal situação pode interferir em cenários de socialização e de vivência cotidiana. A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e para o aprofundamento do estudo foi realizada pesquisa bibliográfica em diferentes plataformas, como Scielo, Google Acadêmico e alguns repositórios de universidades. Para a coleta de dados sobre o modo como docentes visualizavam a problemática, foram aplicados questionários com perguntas abertas, destinadas a professores de três escolas, sendo duas particulares e uma pública. Ao considerar suas manifestações, o estudo aponta elementos pertinentes para o entendimento da questão, sobretudo ao aprofundar sua análise no diálogo com professores que estão no exercício profissional. A pesquisa permitiu constatar que a escola é um ambiente favorável ao desenvolvimento de atividades preventivas ao uso de substâncias lícitas ou ilícitas, pois considera o aluno como protagonista no processo de aprendizagem e a família como parceira no processo de prevenção e na concepção de futuros cidadãos, focando a atenção na saúde e qualidade de vida.

Palavras-chaves: Ambiente escolar; atuação docente; prevenção.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (FAFIPE/FUNPEPE)
e-mail: manzatilara4@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (FAFIPE/FUNPEPE)
e-mail: thalita.alonso09375@alunos.funepe.edu.br

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (FAFIPE/FUNPEPE) e da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEB/FUMDEB)
E-mail: wesley@funepe.edu.br

ABSTRACT

The study presented here aims to report on teachers' perceptions regarding the use of psychoactive substances within the school environment and its impact on school routines. In light of this scenario, the study seeks to reflect on teachers' perspectives on addressing this topic and how they manage students who use or are dependent on substances. It is essential to consider teachers' roles in preventing substance use that could alter or hinder the development of teaching and learning practices, as such situations may interfere with socialization and everyday interactions. The research adopts a qualitative approach, and for a deeper exploration, a bibliographic review was conducted using various platforms, such as Scielo, Google Scholar, and several university repositories. To gather data on how teachers perceive the issue, open-ended questionnaires were administered to teachers from three schools, two private and one public. Based on their responses, the study identifies key elements for understanding this issue, particularly by delving into conversations with teachers currently in the profession. The research findings suggest that the school is a favorable environment for developing preventive activities against the use of legal or illegal substances, as it views the student as a protagonist in the learning process and the family as a partner in the process of prevention and the formation of future citizens, focusing attention on health and quality of life.

Keywords: School environment; teacher's role; prevention.

1 Introdução

Atualmente, os professores estão vivenciando uma época marcada por preocupações, especialmente pelo uso de substâncias psicoativas nas escolas. Assim, a partir de uma abordagem qualitativa e de pesquisa bibliográfica, este estudo visa explorar a problemática da percepção dos docentes sobre o que popularmente se caracterizou como “drogas” (lícitas ou ilícitas) e a atuação professoral diante dessa realidade.

A instituição escolar é tão importante quanto a instituição familiar ao tratar dessa temática, pois tem a capacidade de inculcar valores em seus alunos, preparando-os para enfrentar as adversidades que possam ocorrer dentro ou fora do ambiente escolar. Da mesma forma, o desenvolvimento de políticas públicas no campo da saúde e da prevenção é necessária.

De acordo com a Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no artigo 32, inciso III, a escola objetiva a formação básica dos sujeitos, perante “[...] o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a

aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (Brasil, 1996).

Segundo Teresa Cristina Rego (2003), o ambiente familiar e o escolar desempenham um papel fundamental quanto ao esclarecimento sobre os efeitos e consequências do uso de substâncias: a escola é o local privilegiado para o desenvolvimento de ações preventivas, pois é o lugar em que se encontra a grande maioria da população jovem.

De maneira geral, as substâncias psicoativas são aquelas que alteram o funcionamento cerebral, atuando nas percepções de humor, da consciência, das sensações e nos processos de compreensão da realidade, interferindo nos cenários de socialização. Tais substâncias podem ser naturais ou sintéticas, lícitas ou ilícitas de acordo com as normas previstas em cada sociedade.

Para o recorte da pesquisa, considerando a amplitude da análise sobre substâncias psicoativas, optou-se por problematizar também o conceito de 'drogas'. Essa escolha ocorreu devido à necessidade de uma aproximação teórica ao contexto escolar e o modo como a temática é abordada por alguns pesquisadores da educação. Assim, utilizou-se o conceito definido por Antônio Mourão Cavalcante (2000, p. 19), entendido tal qual:

Droga é toda e qualquer substância que, introduzida no organismo, determina alterações no funcionamento psíquico, modificando uma ou mais de suas funções. Esta definição engloba substâncias lícitas como as bebidas alcoólicas, tabaco e certos medicamentos e igualmente as substâncias ilícitas como a cocaína, crack, maconha, entre outras.

Para complementar a definição de Cavalcante (2000), a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2003) considera droga como qualquer substância que, inserida no organismo, provoque interferências em seu funcionamento. Já a dependência é incapacidade que o indivíduo tem sobre o controle de suas ações, levando a utilização da substância com o intuito de sentir outras sensações.

Conforma Álvaro Lorencini Júnior (1998), a população jovem tende a ser mais vulnerável ao uso de drogas. Assim, a escola deve abordar a temática com clareza e livre de preconceitos. Diante dessa hipótese, foram construídas as questões norteadoras deste estudo, sendo elas: 1) Qual o papel do professor perante

os alunos usuários de substâncias? 2) Qual a função da escola enquanto espaço de ampliação do conhecimento sobre a prevenção?

A instituição escolar, ao trabalhar a prevenção, intervém em três níveis para auxiliar os alunos quanto ao mal que tais substâncias podem causar em suas vidas: primário, secundário e terciário. O nível primário tem como objetivo realizar intervenções antes que o sujeito comece a usar drogas e a escola deve proporcionar temas informativos sobre a temática. Já o nível secundário é para aqueles alunos que já fizeram uso de drogas, ou são usuários casuais não dependentes, com possibilidades de cessar a utilização por meio de intervenções pedagógicas. O nível terciário é destinado aos alunos que já são dependentes. Nesses casos, a escola tem como atribuição proporcionar ajuda ao estudante, procurando por tratamento, apoiando a sua recuperação e reintegrando-o na escola. Contudo, é necessário enfatizar que não é papel da escola tratar o dependente, mas sim realizar os encaminhamentos para as instituições competentes (Cavalcante, 2000).

Segundo Cavalcante (2000), a instituição escolar precisa atuar nos três níveis em relação à prevenção ao uso de drogas, mas a prevenção primária é a mais importante, pois, durante essa fase, é provável que as ações educativas produzam melhores efeitos preventivos. O trabalho docente é essencial para a prevenção, colaborando para que os alunos tomem ciência dos problemas ocasionados pelo uso de substâncias psicoativas, suas implicações e os efeitos que esses entorpecentes causam no organismo e na vida em sociedade desses sujeitos.

A questão norteadora deste artigo é analisar o modo como professores de escolas públicas e privadas de um município do interior paulista, nas modalidades de ensino fundamental e médio, percebem as rotinas estudantis e suas relações com o uso de substâncias psicoativas. Para tanto, verifica-se a formação docente sobre os aspectos relacionados à temática e suas diversas problematizações.

A hipótese inicial era a de que há estigmas associados ao uso de substâncias psicoativas, o que dificulta o desenvolvimento de conteúdos preventivos ou o acolhimento de estudantes usuários. Tal situação pode decorrer da falta de processos formativos durante suas trajetórias profissionais. É necessário destacar que a busca por substâncias psicoativas possui diversas motivações, como a busca pelo prazer, o esquecimento de problemas familiares, fuga do sentimento de

solidão, a necessidade de fazer parte de um grupo e a busca de sua identidade e autoafirmação (Moraes, 2003).

Este estudo resulta do trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, no qual se identificou a necessidade de problematizar a formação docente e o conhecimento sobre a prevenção e os efeitos das substâncias psicoativas no cotidiano escolar.

2 Procedimentos metodológicos

Este estudo busca descrever as especificidades encontradas no ambiente escolar no que se refere à postura do professor diante da percepção sobre o uso de substâncias psicoativas. De acordo com Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernández Collado e Maria del Pilar Baptista Lucio (2013, p.30), “a pesquisa é um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno”.

A abordagem de pesquisa é qualitativa, com coleta de informações que são descritas e analisadas posteriormente, visando a uma compreensão mais aprofundada do assunto em questão (Ludke, André, 1986, p. 12). De acordo com Robert Bogdan e Sari Knopp Biklen (1994, p. 49):

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. [...] A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Como técnica de pesquisa, considerou-se necessária a aplicação de um questionário com perguntas abertas, pois, segundo Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2024, p. 121), ele é “constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. Nesse sentido, objetivou-se captar as percepções, conhecimentos e opiniões dos questionados.

Para a pesquisa, foram escolhidas três instituições de ensino, de modo a contemplar diferentes características sociais e docentes. O critério de seleção era

que oferecessem ensino fundamental ou médio. Duas escolas são particulares e uma unidade apresenta natureza pública. Em cada uma delas, foram aplicados três questionários. A seleção dos participantes foi realizada por meio de convite presencial nas unidades, após consulta e autorização da gestão escolar. Nove profissionais foram entrevistados, sendo quatro mulheres e cinco homens

Para aprofundar o estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Antônio Carlos Gil (2008, p. 50), “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Segundo o autor, a vantagem dessa forma de pesquisa é a cobertura ampla dos fenômenos analisados, com fontes diversas. Foram realizadas pesquisas em diferentes plataformas, como Scielo, Google Acadêmico e alguns repositórios de universidades, utilizando as palavras chaves: drogas, ambiente escolar e atuação docente. Foram filtrados artigos científicos que se relacionam com a temática.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, sendo aprovada e tendo o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 69518723.0.0000.0135. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes da pesquisa, com a finalidade de expor os objetivos do estudo e as responsabilidades dos pesquisadores durante a produção dos dados para análise. Após a tramitação, os questionários foram aplicados. Os nomes dos professores foram substituídos para garantir o anonimato.

3 Revisão teórica

3.1 A construção do conceito de “drogas” e suas relações sociais.

No decorrer da história, há diversos registros que testemunham o uso de substâncias no cotidiano humano. Em tempos remotos, elas eram utilizadas em cerimônias com o objetivo de promover prazer, bem-estar e conhecimentos místicos. Os egípcios usavam vinho e cerveja para tratar doenças, aliviar dores e também como método abortivo. Gregos e romanos consumiam álcool em momentos especiais, como em manifestações religiosas. Os povos indígenas utilizavam bebidas fermentadas durante a realização de rituais sagrados. Atualmente, o vinho

é amplamente utilizado em celebrações católicas e protestantes, em religiões de origem africana, no judaísmo, entre outras (Bucher, 1991).

A problemática do uso excessivo de substâncias como o álcool, a nicotina, a maconha, a cocaína, o crack e estimulantes, entre outras, vem sendo discutida para além do campo da psiquiatria e dos assuntos médicos; seu entendimento transita por contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, considerando as diversas tradições humanas e a saúde pública. É importante destacar que, em determinados momentos, algumas substâncias são tratadas como lícitas e, em outros períodos, tornam-se proibidas.

De acordo com o relatório do Ministério da Justiça e Segurança Pública sobre drogas no Brasil, as substâncias mais utilizadas foram o álcool (74,6%) e o tabaco (44%) (Amato *et al.*, 2021). No mesmo documento, ao analisar o consumo de drogas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio, apontam-se os seguintes dados: 60,5% já usaram álcool, 16,9% fizeram uso de tabaco e 8,7% de solventes (Galduróz; Noto; Bedendo, 2021). Entre as drogas ilícitas, destaca-se o uso de maconha, com 5,7%, cocaína, com 2,5%, e crack, com 0,6% dos estudantes (Galduróz; Noto; Bedendo, 2021).

O crescimento do uso de substâncias psicoativas ocasiona problemas sociais de alta transformação, mexendo no alicerce familiar, no cenário de vida dos sujeitos, impossibilitando o desenvolvimento de projetos de vida no campo acadêmico ou nas esferas de trabalho. Salienta-se que a sua utilização abrange várias classes sociais e todas as faixas etárias, já sendo vista pelo Ministério da Saúde como um tipo de doença cada vez mais perto da população.

3.2 Dependência química

No âmbito deste estudo, é essencial realizar uma conceitualização sobre drogas e suas manifestações históricas. Deve-se destacar que “o consumo de substâncias psicoativas, popularmente referidas como ‘drogas’, é um fenômeno recorrente e disseminado em diversas sociedades humanas e em diferentes momentos de suas histórias” (Simões, 2008, p. 13). Assim, ressalta-se o caráter

histórico e cultural das substâncias, que são legalizadas ou proibidas de acordo com os valores morais e legais de cada sociedade.

De acordo com Eduardo Viana Vargas (2008, p. 42),

A etimologia do termo droga é das mais controversas. Entre as várias hipóteses levantadas (do latim *drogia*, do irânico *daruk* e do árabe *durâwa* e do celta *druko*, por exemplo), a hipótese holandesa me parece a mais verossímil (Vargas, 2001, p. 91-94). Tal hipótese faz o vocábulo derivar do neerlandês *droghe vate*, expressão que significa “barris de coisas secas” e cujo emprego teria sido registrada ao menos desde o século XIV (Corominas, 1954, p. 195-198). Ela também nos permite situar a emergência do vocábulo diretamente no contexto dos contatos entre os povos europeus e seus outros (encarnados, na época, sobretudo pelos árabes e demais povos do Oriente), tais como esses contatos se deram nos últimos séculos da Idade Média. Mais precisamente, essa hipótese nos permite situar a emergência do vocábulo no rescaldo das Cruzadas, quando entraram em curso de desenvolvimento, no mundo ocidental, quer as sociedades de corte e aquele processo que Elias chamou de “civilizador” (Elias, 1994), quer a fascinante e aterrorizante deriva cosmológico-topográfica em busca da Terra de Cocanha, do País da Canela, dos domínios de Preste João, das Ilhas Afortunadas, do Eldorado, em suma, do Paraíso Terreal. Essa deriva materializou-se, entre outras coisas, na demanda por um tipo Drogas e Cultura - miolo (MinC).pmd 42 12/9/2008, 16:31 43 Fármacos e outros objetos sócio-técnicos muito especial de mercadorias, as drogas ou especiarias, substâncias exóticas que teriam o “gosto do paraíso”, conforme a feliz expressão de Schivelbusch (1993, p. 314). Em sua busca, foram envidados os mais impressionantes esforços; ao seu redor, novos horizontes foram-se abrindo. O mundo das drogas pertence a esses novos horizontes.

Por seu potencial viciante, a dependência é entendida como a falta de capacidade do indivíduo de controlar suas ações e impulsos, levando-o ao uso de substâncias com o único objetivo de obter prazer através das sensações provocadas. Como consequência, essas substâncias podem alterar o estado emocional ou físico do indivíduo, gerando uma necessidade imediata de uso (lícitas ou ilícitas), seja para obter o efeito desejado ou para evitar os sintomas da abstinência.

A dependência física refere-se à neuroadaptação do organismo às drogas, independentemente da vontade do usuário. Já a dependência psíquica caracteriza-se pelo uso repetitivo da droga para alcançar satisfação emocional e aliviar os sintomas de abstinência. A dependência não é determinada pelo tipo de droga, mas pelo vínculo que o usuário estabelece com ela (Brasil, 2003).

3.3 Aspectos do uso de drogas no ambiente escolar

A escola desempenha um papel importante na formação dos indivíduos. É sua responsabilidade viabilizar a aquisição de saberes historicamente acumulados, promovendo espaço de formação e informação, em que o aluno possa socializar conhecimentos e desenvolver uma posição crítica sobre a realidade em que vive.

Com as transformações sociais atuais, especialmente o uso de novas tecnologias e o acesso a informações nas redes sociais, também é responsabilidade da escola incluir temas que favoreçam o desenvolvimento dos estudantes e melhorem a saúde individual e coletiva.

O consumo de substâncias ilícitas é um problema grave de saúde pública, gerando sérias complicações para os usuários e para a sociedade em geral. A preocupação com o consumo de drogas tem se intensificado nos últimos anos, devido ao aumento de usuários cada vez mais jovens (Marques; Cruz, 2014). Ao refletir sobre os fatores que levam essa população a adentrar o mundo das drogas, é essencial considerar não apenas o indivíduo, mas também o meio em que vive e os fatores de risco presentes em sua vida.

O ambiente familiar, o contexto escolar, as amizades e a sociedade podem influenciar positiva ou negativamente a vida dos adolescentes em relação ao uso de drogas. De acordo com Magali Sampaio de Castro e Lúcia Cristina dos Santos Rosa (2010), as motivações dos jovens para o uso de substâncias são variadas, incluindo curiosidade, busca de prazer, decepções nas primeiras experiências da transição entre infância e vida adulta, convívio com drogas no ambiente familiar, baixo desempenho escolar, sentimento de exclusão, entre outros fatores.

Conforme Arthur Guerra de Andrade e Ana Zaira Bassit (1995), os trabalhos de prevenção enfatizam os elementos de proteção e reduzem os fatores de risco. Segundo os autores,

Dada à complexidade da problemática do uso de drogas, envolvendo a interação de fatos biopsicossociais, o campo das ações preventivas é extremamente abrangente, envolvendo aspectos que vão desde a formação da personalidade do indivíduo até questões familiares, sociais, legais, políticas e econômicas (Andrade; Bassit, 1995, p. 86).

É essencial enfatizar a importância da família nas ações de prevenção ao uso de drogas, em conjunto com o papel da escola. Segundo as políticas públicas vigentes, a instituição escolar é o foco das ações intersetoriais que buscam a aprendizagem e o desenvolvimento dos adolescentes, ao mesmo tempo em que diminuem os riscos de envolvimento com drogas.

De acordo com Mirian Abramovay e Mary Garcia Castro (2005, p. 89),

A escola apresenta-se aos jovens como um instrumento para o exercício da cidadania, na medida em que funciona como um dos passaportes de entrada e aceitação na sociedade e como oportunidade de uma vida possível melhor.

José Carlos Libâneo (2001, p. 38) também ressalta que é “necessária a colaboração da escola para revitalizar a formação ética, abrangendo tanto as ações cotidianas quanto as relações entre os povos”.

Em síntese, os principais fatores de risco no contexto escolar incluem a inabilidade de conviver em grupo e o fácil acesso às substâncias no contexto social. É também necessário destacar o forte apelo midiático que produz uma ideia de juventude pautada na concepção de aventuras e riscos. É nessa condição que as ações escolares devem ser pensadas de modo a desnaturalizar e problematizar tais construções histórico-sociais.

3.4 O papel da escola e do professor na prevenção ao uso de drogas

De acordo com Paulo Freire (1997), a educação desempenha um papel importante no desenvolvimento dos sujeitos, despertando neles o desejo de participar da transformação social.

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) recomenda que:

Para abordar a questão das drogas e desenvolver ações de prevenção na escola, é necessário ter um planejamento que envolva os diferentes segmentos, incluindo coordenadores, professores, pais, funcionários, estudantes e comunidade. O trabalho deve ser desenvolvido durante todo o processo escolar, por meio de métodos interativos, integrados ao currículo, e que promovam a saúde (BRASIL, 2011, p.38).

Os adolescentes costumam passar a maior parte do tempo dentro das escolas, e espera-se que seja um ambiente acolhedor, seguro, com propagação de boas ações e aprendizagem. Porém, consta que, em algumas circunstâncias, o aluno já adentra o contexto escolar viciado em alguma substância psicoativa. Não é papel do professor interferir de maneira direta nessa questão, porém pode identificar e tentar intervir. Todavia, é fundamental uma análise mais compenetrada no que tange ao procedimento do aluno, por parte do professor e da escola, sendo que:

A prevenção e o combate ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, em todas as esferas, incluindo escolas públicas e privadas, é uma tarefa árdua, complexa e extremamente desafiadora. Exige estudos e conhecimento do tema, requer ainda uma dedicação profunda dos envolvidos, articulação entre diversos setores da sociedade e deve ser objeto de constante discussão para não cair na teia complexa das políticas neoliberais (Nagashima *et al*, 2017, p. 619).

É evidente que a instituição escolar e o docente desempenham um papel fundamental na identificação do consumo de substâncias psicoativas. No entanto, reconhece-se que nem todos os adolescentes estão dispostos a receber informações sobre o assunto, especialmente aqueles que já fizeram uso de substâncias ilícitas. Assim, é importante que tanto o docente quanto a instituição escolar estejam preparados para lidar com essa questão, buscando não reprimir, mas sim diminuir o contato com as substâncias psicoativas.

De acordo com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Brasil, 2011), o trabalho do educador deve priorizar aqueles alunos que ainda não tiveram contato com drogas, aqueles que usaram apenas para experimentar, ou que fazem uso ocasionalmente, por meio de ações preventivas que maximizem as chances de que esses alunos continuem sem usar substâncias ilícitas.

Ainda conforme a SENAD (Brasil, 2011), o professor não deve ignorar os alunos que apresentam dependência de drogas, mas tampouco deve assumir que seu objetivo principal seja tratar esses casos, pois eles exigem atendimento especializado. Cabe ao professor, ao identificar essa necessidade, encaminhar o aluno para uma equipe especializada com o apoio da escola.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017), instituída pelo Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo abordar temas transversais que

visem reduzir a situação de vulnerabilidade de alguns estudantes. Entre esses temas, está a prevenção do uso de álcool e outras substâncias psicoativas. A BNCC (2017) incentiva que as escolas promovam um ensino integral para todos os alunos e debatam estratégias de prevenção, promovendo a saúde no contexto escolar, como destacado no documento.

4 Análise e discussão dos dados

A fim de alcançar o objetivo deste trabalho, a seguir serão analisados os dados que foram obtidos por meio de questionários enviados nove professores de três escolas. As perguntas foram divididas em três blocos: 1) Dados gerais e formação docente; 2) Drogas⁴ no ambiente escolar e 3) Ações possíveis e percepções gerais.

O Quadro 1 sintetiza o perfil dos professores.

Quadro 1: Perfil dos questionados.

Nome	Graduação	Pós-graduação	Quantidade de anos de formação	Tempo de docência na unidade escolar
Magali	Alfabetização (2000)	Especialização em Orientação Educacional e em Inclusão	25 anos	1 ano e 7 meses
Júlio César	Ciências (2001)	Psicopedagogia Clínica e Institucional: Educação e Saúde	13 anos	1 ano e 7 meses
Thiago	Pedagogia (2015)	Não informada	Não informada	Não informada
Gustavo	Pedagogia (2019)	Gestão escolar	7 anos	7 anos
Thais	Pedagogia (2015)	Inclusão e educação infantil	6 anos	3 anos

⁴ Destaca-se que a opção pelo uso do conceito “droga” ocorreu mediante ao entendimento de que a literatura aqui utilizada apontava para este conceito. Salienta-se que o termo, em muitos casos, é utilizado de forma pejorativa e dentro do campo moral e judiciário. Como consideração importante, para auxiliar na compreensão dos questionários, fez-se esta escolha.

Sabrina	Pedagogia (2020)	Gestão Escolar	8 meses	4 anos
Carolina	Pedagogia (2022)	Não possui	10 anos	5 anos
Kadu	História (2018)	Diversidade, inclusão e cidadania	5 anos	1 ano e 8 meses
Luís	Pedagogia (2011)	Não possui	1 ano e 11 meses	5 meses

Fonte: dos autores.

No segundo bloco foi perguntado aos professores se, em algum momento, haviam sido questionados sobre o uso de drogas (legalizadas ou não) no ambiente escolar por alunos e, em caso positivo, qual foi a reação do docente. Encontraram-se as seguintes respostas:

Não diretamente, porém nas aulas de PROERD com policial que aplicava nas aulas (Magali, 2023).

Sim, conversei sobre as diferenças das duas (Júlio César, 2023).

Sim, de princípio foi uma questão preocupante por jamais enfrentar tal situação, mas foi passado para a direção que tomou as providências adequadas (Gustavo, 2023).

Sim, conversei com eles sobre os malefícios que a droga poderia causar se fosse legalizada. Não reagiram muito bem pois gostariam que minha resposta fosse a favor (Carolina, 2023).

Sim, com certa frequência. Aproveitei a oportunidade para fazer uma roda de conversa com os alunos e realizar um trabalho sobre argumentação com os alunos (Luís, 2023).

A maioria dos professores respondeu que já havia sido questionada sobre o uso de substâncias dentro da escola, e todos aproveitaram esse momento para falar sobre os malefícios que essas substâncias tóxicas provocam no organismo e na vida em geral, de forma clara e objetiva, procurando interagir com os alunos. Nesse contexto, Freire (2010) discute a importância das conversas na relação professor-aluno, já que o diálogo, de acordo com o autor, marca a posição democrática entre eles. Magali sugere a realização de palestras e aulas do PROERD (Programa

Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), programa desenvolvido em parceria com a Polícia Militar do Estado de São Paulo e que traz reflexões sobre as consequências do uso de substâncias ilícitas.

Em seguida, os professores responderam sobre sua formação inicial e continuada e se, durante essa trajetória, houve assuntos relacionados a questões e impactos do uso de drogas em sala de aula. Em relação a essa questão, surgiram as seguintes reflexões:

Não (Magali, 2023).

Sim. Sempre foi comentado sobre como identificar jovens/adolescentes usuários e como proceder perante essa situação (Thiago, 2023).

Não, mas sou a favor de uma formação sobre o tema (Gustavo, 2023).

Não, minha formação inicial não houve nenhum questionamento sobre drogas (Carolina, 2023).

Durante a formação inicial o tema não foi abordado, já na formação continuada a temática é abordada principalmente no programa conviva SP (Kadu, 2023).

Somente o professor Thiago disse ter tido em sua formação assuntos relacionados aos impactos causados pelo uso de drogas no ambiente escolar. Porém, houve unanimidade entre os profissionais ao concordarem que essa temática é muito importante e precisa fazer parte do currículo das universidades e também deve ser tema de cursos de formação continuada. Por meio da formação continuada, o professor tende a compreender os desafios do seu dia a dia, atuando de maneira racional em sua prática educativa.

De acordo com Demo (2007, p. 71), “dedicar-se à excelência do aprendizado do discente é, antes de qualquer coisa, se dedicar à excelência do trabalho do professor”. Esta dedicação ocorre por meio da formação continuada dentro e fora do ambiente escolar, na mediação dos problemas visualizados dentro da sala de aula, em encontros pedagógicos e na troca de saberes com outros professores.

No mesmo bloco de perguntas, os educadores responderam se já haviam passado por alguma situação em que estudantes afirmaram fazer o uso de substâncias (lícitas ou ilícitas). Sobre tal situação, depararam-se com as seguintes análises:

Já trabalhei no 4º ano, onde a criança chegava na sala e tomava sua dose de Ritalina. Ficava no armário da criança, com autorização da coordenação, a pedido dos pais (Magali, 2023).

Sim, cigarro, maconha e bebida alcoólica. Fiquei assustada pois os alunos não eram nem do ensino médio, eram do 6º ano, conversei com eles que ainda eram crianças e que precisavam de ajuda e comuniquei a coordenação (Carol, 2023).

Sim, já presenciei diálogos entre os alunos sobre o consumo de álcool, o assunto me provoca estranheza por conta do fácil acesso às bebidas (mas não transpareci aos alunos) e procurei orientar sobre os aspectos legais como a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores (Kadu, 2023).

Sim. Tentei explicar os malefícios que o uso de drogas faz mal para o desenvolvimento cerebral de jovens (Luís, 2023).

Quatro professores responderam que sim, sendo que uma professora tinha um aluno que fazia uso de medicamentos dentro da escola, a pedido da família e com a autorização da direção escolar. Já os outros professores relataram que os alunos afirmaram ter feito uso de bebidas alcoólicas, cigarros e substâncias entorpecentes. Todos os profissionais comunicaram à direção, e a família foi acionada.

Quando perguntados sobre como reagiriam ao se depararem com alunos fazendo uso de substâncias ilícitas dentro do ambiente escolar, obteve-se as seguintes respostas:

Eu comunicava a coordenação e/ou a direção (Magali, 2023).

Comunicaria a direção da escola (Júlio César, 2023).

Perguntaria se ele gostaria de ajuda de um profissional para lhe dar com essa situação (Thiago, 2023).

Falaria com a direção e coordenação para chamar a família. Ajudar esse aluno seria prioridade (Thaís, 2023).

Conversaria com os gestores, chamaríamos a família e tentar desenvolver algum projeto (Sabrina, 2023).

Alguns professores apontaram que, nessa situação, comunicariam a equipe gestora escolar. O professor Thiago mencionou que conversaria com o sujeito,

indicando a possibilidade de ajuda profissional para essa situação. Thais e Sabrina, além do apoio pedagógico, sugeriram também comunicar os responsáveis.

É interessante ressaltar que, de acordo com Fernando Santa de Paiva e Telmo Mota Ronzani (2009), os diferentes comportamentos sociais, dentre eles o consumo de substâncias ilícitas, são assimilados a partir das interações estabelecidas entre o adolescente e suas fontes primárias de socialização: família, ambiente escolar e amigos. Dessa maneira, a comunicação com a família é essencial.

Ao se questionar a necessidade de formação inicial e continuada, os professores fizeram as seguintes considerações:

Sim. Mais informações e aprendizado nunca são demais. É preciso mostrar o lado negativo, para formar opiniões contra as drogas (Magali, 2023).

Sim. Prevenção (Júlio César, 2023).

Sim, pelo fato de estarmos vendo nos noticiários sobre a legalização da maconha em nosso país (Thiago, 2023).

Sim, para o professor saber lidar com essa situação (Thaís, 2023).

Sim, mesmo que seja um tema delicado, não muito aceito pela sociedade, mas caberia uma formação para sanar dúvidas de como agir (Gustavo, 2023).

Acho que projetos com PROERD são ótimos para conscientização, mas poderia ter algo para os alunos mais novos (Sabrina, 2023).

Os professores disseram que a temática precisa ser mais discutida em reuniões e formações, pois muitas vezes não sabem como lidar com essa questão das drogas. Os profissionais precisam estar preparados para enfrentar essa realidade. O interesse pela formação continuada indica a necessidade de preparação para as situações enfrentadas no cotidiano escolar, de modo que o contexto das substâncias psicoativas (lícitas ou ilícitas) esteja presente nas vivências dos sujeitos.

Assim, é possível concluir que:

Muitos dos problemas enfrentados pelos professores se devem à dificuldade em compreender o contexto fora da escola, o histórico e os modos de vida construídos pelos estudantes. Por isso, faz-se necessário

ouvir os estudantes adolescentes a partir de sua condição social e buscar identificar que lugar a escola ocupa na vida deles e o que explica o modo como se comportam na instituição. Proporcionar o diálogo entre as experiências dos estudantes e os saberes escolares é outro desafio (Cavalcanti *et al*, 2023, p. 2).

No terceiro bloco de perguntas, a primeira questão foi sobre de que maneira o uso de drogas lícitas pode prejudicar os estudantes. Todos disseram que, de certa forma, as drogas consideradas lícitas também causam dependência, gerando prejuízos para os alunos. Desenvolveram as seguintes considerações:

Sim, pois é um público que não está com o desenvolvimento cerebral completo e o uso de drogas lícitas podem atrapalhar este processo (Luis, 2023).

Todo tipo de droga prejudica os estudantes, tornando sua vida ruim, deixando-o inapto a ações diárias (Gustavo, 2023).

Com certeza, mesmo ela sendo lícita, pois o que estudante ainda está em formação neurológica (Carol, 2023).

Quando foram questionados sobre os malefícios das drogas ilícitas, obteve-se as seguintes problematizações:

Sim, impossível estudar, ter concentração, com drogas no corpo (Magali, 2023).

Sim, ambas são drogas (Júlio César, 2023).

Sim, para sua saúde (Thaís, 2023).

Sim, prejudica ainda mais, desacelera o raciocínio lógico, problemas graves de saúde, alteração no humor e na forma de viver (Gustavo, 2023).

Sim, porque a queima de neurônios que ainda estão em formação, atrapalha o convívio social, a concentração entre outros (Carol, 2023).

Sim, primeiramente na questão legal, utilizar drogas ilícitas é crime a também acarreta problemas na segurança, saúde e educação pública (Kadu, 2023).

Sim, pois é um público que não está com o desenvolvimento cerebral completo e o uso de drogas lícitas podem atrapalhar este processo (Sabrina, 2023).

Ainda que relatem não terem tido formações sobre os efeitos de drogas ou medicalizações, todos apontaram que o uso de substâncias psicoativas acarreta

grandes males para o corpo e para mente, prejudicando o desenvolvimento cerebral e o convívio social.

Após tais afirmações, problematizou-se sobre o uso de medicações por parte de alunos e suas consequências. Os professores responderam que:

A medicalização deve sempre vir por prescrição médica e principalmente com acompanhamento profissional, pois muitos alunos utilizam o fato de usar medicação para justificar a não participação nas atividades (Carol, 2023).

Tendo o diagnóstico de um profissional, é importante a medicalização. Ajuda o aluno em diversos aspectos (Magali, 2023).

A medicação deve ocorrer quando necessária e sempre com prescrição médica para não apenas se tornar a "droga" da obediência (Thiago, 2023).

Depende do medicamento. Há criança que precisa fazer o uso dos mesmo para dar concentração e também por questões de saúde (Thaís, 2023).

Sempre respeito as orientações de profissionais, e no caso da medicalização não é diferente, todavia percebo que alunos medicados apresentam quadros de desatenção desinteresse maior (Kadu, 2023).

Acredito que desde que acompanhado por um profissional e dependendo do caso pode até ajudar a aprendizagem desse aluno (Luís, 2023).

Os professores apontam que o uso medicamental deve sempre ser realizado por meio de diagnóstico e necessidade dos estudantes. Nesse caso, torna-se importante considerar que essa utilização não pode servir como processo de exclusão das formas de aprendizado. O fato do uso de algum tipo de medicamento não impõe necessariamente o rótulo de um estudante que não pode aprender ou desenvolver habilidades e competências na sua rotina escolar.

Em seguida foi abordado sobre como a educação formal pode auxiliar o entendimento dos efeitos do uso de drogas lícitas e ilícitas. As seguintes considerações foram realizadas:

Sim. Na escola é onde muitos conhecimentos são adquiridos (Magali, 2023).

Sim, propicia ao aluno o conhecimento sobre o assunto (Júlio César, 2023).

Pode auxiliar, porém isso não é sinônimo de que um jovem com boa formação não usará drogas, pois casos como esses é comum ouvirmos falar (Thiago, 2023).

Sim, acho que se o aluno tiver formações adequadas e conhecer os perigos e efeitos das drogas, possa escolher o que será melhor para sua vida (Thaís, 2023).

Sim, a formação adequada se baseia em informações para que haja conscientização da sociedade, “abrindo” os olhos dos alunos para o não uso, tanto a lícita quanto a ilícita, pois prejudica o aprendizado e o convívio (Gustavo, 2023).

Sim, é possível conscientizar e alertar os alunos (Sabrina, 2023).

Sim, a educação tem esse papel por meio das disciplinas, orientações e palestras, possibilitando aos alunos as produções humanas e científicas construídas sobre o tema (Kadu, 2023).

Todos os professores disseram que sim, pois a escola é o local em que os conhecimentos são adquiridos e problematizados, tendo como referencial o método científico e suas transposições didáticas. Sobre isso, Márcia Detoni (2009, p. 127) elucida que “a escola não deve esperar que o problema surja na sala de aula, nos banheiros, no pátio, no portão para discutir a questão”. Sendo assim, a prevenção também perpassa por medidas que envolvem os conteúdos curriculares e suas articulações com o contexto social. A discussão sobre drogas não pode ser verificada como apologia ao seu uso, mas sim como forma de potencializar as medidas de cuidado. Também não se deve estereotipar os sujeitos que fazem a utilização de medicamentos ou substâncias ilícitas, e sim possibilitar o acolhimento e indicação das redes de apoio para tentar colaborar com essa situação.

Para encerrar o questionário foi perguntado como a escola deve se comportar diante ao uso de drogas pelos alunos. Os professores fizeram os seguintes relatos:

Deve ser proibido, mediante a chamar a polícia, caso não respeite (Magali, 2023).

Com projetos. O PROERD é um desses projetos (Kadu, 2023).

No meu ponto de vista a escola tem um papel importante ao abordar o assunto como forma de conscientização de nossos jovens e adolescentes (Thiago, 2023).

As escolas teriam que ter parceria com instituições que abordam esse assunto para fazer palestras e ações junto com as famílias (Thaís, 2023).

Com parcerias, família X escola, trazendo a realidade para os alunos, com palestras, cursos e formações diversas (Gustavo, 2023).

Acredito que com projetos, debates e formação com as famílias, alunos e toda comunidade escolar (Sabrina, 2023).

A escola identificando o aluno, deve chamar os responsáveis para as devidas providências e fazer um trabalho de conscientização com a escola toda (Carol, 2023).

Vejo e penso que a escola deve levar as orientações legais e os órgãos fiscalizadores e junto orientar, acolher e entender o contexto dos alunos e suas vulnerabilidades promovendo reflexões sobre o tema (Kadu, 2023).

Realizar projetos que visem deixar os alunos conscientes dos malefícios do uso de drogas lícitas ou ilícitas, chamando profissionais para ministrarem essas formações (Luís, 2023).

As opiniões foram variadas. Alguns disseram que seria interessante a realização de projetos, já outros pensam na parceria entre escola e família, com a realização de palestras e rodas de conversas. Também é apresentada a visão legalista sobre o processo, de modo a trazer para esse contexto os órgãos de repressão e fiscalização.

Dessa maneira, concorda com Lara Patrícia de Lima Cavalcanti *et al* (2023, p. 8) ao dizerem que:

A escola desempenha papel fundamental na formação de valores, hábitos e estilo de vida dos adolescentes, visto que é um espaço de socialização e de aprendizado em que os adolescentes passam grande parte do tempo. Nesse sentido, é considerado um ambiente promissor para intervenções preventivas por atingir um grande número de adolescentes ao mesmo tempo (Marschall-Lévesque, Castellanos-Ryan, Vitaro, & Séguin, 2014). Além disso, a prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar pode, efetivamente, complementar as iniciativas sociais, econômicas e políticas preventivas, não sendo uma ação isolada.

Na mesma perspectiva, o estudo revelou que a instituição escolar é um potencial campo de atuação para se pensar a prevenção sobre o uso de substâncias psicoativas em jovens. No entanto, é importante ressaltar que este espaço não pode ser pensado isoladamente. É necessário o desenvolvimento de políticas públicas associadas à formação continuada de docentes, de programas associados à saúde pública e de redes de apoio familiar.

5 Considerações finais

O ambiente escolar deve ser visto como um lugar que oportuniza os processos educativos e vincula políticas públicas sociais e de saúde. Nesse cenário, é necessário englobar o problema da utilização de substâncias psicoativas como parte integrante do trabalho docente. O presente estudo mostrou que a maioria dos professores já abordou a temática do uso de substâncias psicoativas durante suas aulas. Porém, a maioria também relata que falta capacitação e formação continuada para que possam se preparar para tratar desse assunto em sala de aula.

Identificar o perfil dos profissionais da educação e compreender a percepção e os obstáculos no que tange à abordagem da temática no contexto escolar é uma ação fundamental para a concepção e efetivação de práticas de formação continuada sobre esse tema. É importante conversar com profissionais e produzir instrumentos de formação teórica e prática que possam atender às exigências profissionais e às demandas de todos aqueles que estão envolvidos. O espaço escolar é um ambiente propício para esse tipo de trabalho.

A função da escola, enquanto lugar de promoção de conhecimento e valores, tem o dever de trabalhar no combate e na orientação sobre o uso de drogas por meio de projetos inovadores, nos quais a comunidade também participe, ocasionando mudanças e almejando resultados satisfatórios, não apenas para o contexto escolar, mas também para as famílias e toda a sociedade. A colaboração da escola é ininterrupta, com ações voltadas ao bem-estar do aluno, objetivando seu desenvolvimento cognitivo e pessoal.

Prevenir o uso de substâncias psicoativas no ambiente escolar é possível; porém, trata-se de um assunto complexo que depende de alguns fatores, como políticas públicas, por exemplo. As escolas apresentam uma boa política e bons direcionamentos, e, enquanto entidade, têm o dever e um importante papel na formação de seus alunos. Porém, é fundamental enfatizar que, sem que haja controles por parte daqueles que produzem as políticas públicas no que concerne às substâncias lícitas e ilícitas, a escola não conseguirá sanar sozinho todos esses desafios.

Dessa maneira, quanto antes se promoverem ações para desenvolver a prevenção no espaço escolar, menor será a possibilidade de os jovens se atraírem por essas substâncias. Essa prevenção precisa oportunizar informações confiáveis, sem moralismo e atualizadas, fazendo com que os jovens obtenham boas informações; assim, poderão ter boas atitudes perante os apelos que a sociedade apresenta sobre o uso de substâncias psicoativas.

Constatou-se a necessidade de novas pesquisas, em especial, as de caráter intervencionista, para que sejam produzidos mecanismos que assessorem os professores. Além disso, é fundamental que se amplie o debate acerca dos conceitos que incentivam a mudança de comportamento entre os jovens e, conseqüentemente, que se contribua com a população acadêmica. Sendo assim, reconhece-se a importância de novas pesquisas para possibilitar novos encadeamentos sobre o tema.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas**: Versão resumida, Brasília: Unesco. 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139387>. Acesso em 05 maio 2023.

AMATO, Tatiana de Castro *et al.* Consumo de drogas na população brasileira. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **II Relatório brasileiro sobre drogas**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/arquivo-manual-de-avaliacao-e-alienacao-de-bens/SumarioExecutivoIIRelatrioBrasileirosobreDrogas.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

ANDRADE, A. G.; BASSIT, A.Z. **Avaliação de programas de prevenção de drogas**. São Paulo: GREA – IPQ – HC – FMUSP, 1995.

AQUINO, Julio R. Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sannus Editorial Ltda., 1996. cap. 3, p. 38-56.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 20 de dezembro 1996. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas** / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf - Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **Drogas: cartilha para educadores** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); conteúdo e texto original: Beatriz H. Carlini. - 2. ed., reimpr. – Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011. Disponível em:
<https://www.yumpu.com/pt/document/read/16144244/drogas-cartilha-para-educadores-ministerio-da-justica>. Acesso em: 29 set. 2023.

BUCHER, R. **Prevenção ao uso indevido de drogas**. Vol. 1. Brasília: Programa de Educação Continuada. Universidade de Brasília, 1991.

CASTRO, Magali. Sampaio. ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. **Fatores de risco e proteção na prevenção do uso indevido de drogas**. Disponível em:
www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.7/GT_07_01_2010.pdf. – Acesso em: 08 abr. 2023.

CAROLINA. **QUESTIONÁRIO 1** [20 ago. 2023]. Aplicadora: Thalita Martins Alonso Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

CAVALCANTE, Antônio Mourão. **Drogas esse barato sai caro: Os caminhos da Prevenção**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2000.

CAVALCANTI, Lara Patrícia de Lima *et al.* Estudantes que usam drogas: como professores lidam e pensam sobre eles. **Psicologia Escolar e Educacional**. [s.l]. 2023, v. 27. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pee/a/DLrFhR8JJvqfbHzDGyypsMJ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 02 nov. 2024.

DEMO, Pedro. É preciso estudar. In A. M. de Britto. **Memórias de formação: registros e percursos em diferentes contextos**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007.

DETONI, Márcia. **Guia prático sobre drogas:** conhecimento, prevenção, tratamento. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALDURÓZ, José Carlos Fernandes; NOTO, Ana Regina; BEDENDO, André. O uso de drogas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio no Brasil. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **II Relatório brasileiro sobre drogas.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/arquivo-manual-de-avaliacao-e-alienacao-de-bens/SumarioExecutivoIIRelatrioBrasileirosobreDrogas.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUSTAVO. **QUESTIONÁRIO 2** [10 Ago.2023]. Aplicadora: Thalita Martins Alonso Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

JULIO CÉSAR. **QUESTIONÁRIO 3** [10 Ago.2023]. Aplicadora: Lara Catarina Caneschi Coelho Faria Manzati Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

KADU. **QUESTIONÁRIO 4** [10 Ago.2023]. Aplicadora: Lara Catarina Caneschi Coelho Faria Manzati Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: Teoria e Prática.** Goiânia: Alternativa, 2001.

LORENCINI JUNIOR, A. **O Professor e as perguntas na construção do discurso reflexivo em sala de aula.** Dissertação de doutorado. Faculdade de Educação da USP, 1998.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUIS. **QUESTIONÁRIO 5** [10 Ago .2023]. Aplicadora: Lara Catarina Caneschi Coelho Faria Manzati Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 9.ed. Grupo GEN, 2024. E-book. ISBN 9788597026559. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026559/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; CRUZ, Marcelo S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria** vol .22 s.2 São Paulo, 2000. Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600009&script=sci_arttext - Acesso em: 07 de abr. de 2023.

NAGASHINA, Lucila Akiko *et al.* O Papel Da Escola No Combate Às Drogas. **Revista de Educação e Cultura Social**. Sinop- MT. v. 7, n. 2, p. 616-631, 2017.

MAGALI. **QUESTIONÁRIO 6** [10 Ago. 2023]. Aplicadora: Lara Catarina Caneschi Coelho Faria Manzati Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

MORAES, Leila Memória Paiva. **Adolescentes Institucionalizados e sua relação com as drogas: uma abordagem de inspiração sócio poética**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Fortaleza, 2003.

PAIVA, Fernando Santana de; RONZANI, Telmo Mota. **Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 177-183, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/PP7PfDCBcwhZ8Hydgt8Xrnc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 mar. 2024.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; 2003.

SABRINA. **QUESTIONÁRIO 7** [10 Ago.2023]. Aplicadora: Thalita MartinsAlonso, 2023. Arquivo impresso.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, María D. P B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Grupo A, 2013. E-book. ISBN 9788565848367. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848367/>. Acesso em: 29 set. 2023.

SIMÕES, Júlio de Assis. Prefácio. In: In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia; FIORE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (org). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16166>. Acesso em: 04 mar. 2024.

THAIS. **QUESTIONÁRIO 8** [10 Ago. 2023]. Aplicadora: Thalita Martins Alonso. Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

THIAGO. **QUESTIONÁRIO 9** [10 Ago. 2023]. Aplicadora: Lara Catarina Caneschi Coelho Faria Manzati. Penápolis, 2023. Arquivo impresso.

VARGAS, Eduardo Viana. Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia; FIORE, Mauricio; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (org).

Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16166>. Acesso em: 04 mar. 2024.